

## **Judeus contra Bolsonaro: análise de três abaixo-assinados pela democracia e pela afirmação de uma judaicidade plural e democrática**

---

*Michel Ehrlich<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo analisa um conjunto de três abaixo-assinados online produzidos entre 2017 e 2018 por grupos judaicos contrários a então candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da república e sua aproximação com a comunidade judaica brasileira. Sobretudo a partir de sua palestra no clube *Hebraica-RJ* em abril de 2017, a imagem da comunidade judaica brasileira foi muitas vezes atrelada à figura do ex-militar. Diante disso, grupos de judeus se mobilizaram em diversas ações, entre as quais a divulgação de abaixo-assinados. Além de se juntar à oposição a Bolsonaro e suas declarações preconceituosas e anti-democráticas, a análise desses textos permitiu observar a intenção de disputar os espaços das coletividade judaicas, de afirmar uma judaicidade democrática e de se contrapor à imagem monolítica da comunidade judaica como supostamente bolsonarista.

**Palavras-chave:** Bolsonaro, judeus, abaixo-assinados.

### **Jews against Bolsonaro: analysis of three petitions for democracy and for the affirmation of a plural and democratic Jewishness**

**Abstract:** This article analyzes a set of three online petitions produced between 2017 and 2018 by jewish groups opposed to the then candidacy of Jair Bolsonaro for the presidency of the republic and his rapprochement with the Brazilian jewish community. Especially since his speech at the club *Hebraica-RJ* in April 2017, the image of the Brazilian Jewish community was often linked to the figure of the ex-military man. In view of this, groups of Jews mobilized in various actions, including the dissemination of petitions. In addition to joining the opposition to Bolsonaro and his prejudiced and anti-democratic statements, the analysis of these texts allowed to observe the intention to dispute the spaces of the Jewish communities, to affirm a democratic Jewishness and to oppose the monolithic image of the Jewish community as supposedly bolsonarist.

**Keywords:** Bolsonaro, jews, petitions.

Artigo recebido em 07/07/2020 e aprovado em 04/01/2021.

# JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

## Introdução

No dia 3 de abril de 2017 o então deputado e ainda pré-candidato informal a presidência da república Jair Bolsonaro realizou um misto de palestra e ato político no clube *Hebraica* do Rio de Janeiro. Tal evento chocou os setores sociais comprometidos com os direitos humanos dentro e fora da comunidade judaica brasileira e teve enorme repercussão.

Em parte, o impacto se deveu aos diversos dizeres preconceituosos por parte de Bolsonaro durante a palestra, tais como “Foram quatro [filhos] homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” ou “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais.”<sup>II</sup> Esta inclusive lhe rendeu processo judicial e notas condenatórias de diversas instituições judaicas que não o clube que o recebeu, como a Confederação Israelita do Brasil (CONIB)<sup>III</sup>.

Tais declarações, no entanto, lamentavelmente não destoam de tantas outras daquele que viria a ser eleito presidente em 2018. O que talvez tenha causado maior choque foi o fato de tal evento se dar em uma instituição judaica. O apoio de parcela dessa comunidade ao ex-capitão do exército contraria um estereótipo dos judeus como, supostamente, intelectualizados e comprometidos com os direitos humanos. Além disso, os judeus terem sido, em um passado relativamente recente, as principais vítimas do nazismo, faz com que soe muito estranho um clube judaico receber um político que tanto ataca os direitos humanos mais básicos.

Diante da desconstrução desse estereótipo, emergia, principalmente entre os setores mais a esquerda da sociedade, outra imagem igualmente estereotipada, não exatamente inventada em 2017, mas que ganhou força a partir do fatídico caso da *Hebraica*: a comunidade judaica seria essencialmente conservadora e uma das bases de apoio de Jair Bolsonaro, ideia que passou a circular amplamente na sociedade e na mídia<sup>IV</sup>. Isso se coadunaria com o mito da riqueza judaica<sup>V</sup> (que financiaria Bolsonaro) e com a responsabilização dos judeus de qualquer parte por políticas israelenses em relação aos palestinos – sobretudo tendo em vista a presença constante de bandeiras israelenses junto a Bolsonaro e seu alinhamento com o 1º ministro israelense Benjamin Netanyahu.

Cabe, antes de prosseguir, elucidar alguns pontos. A associação da comunidade judaica a uma posição política baseia-se muito mais em estereótipo do que em fundamentação concreta. A imigração judaica para o Brasil remonta ao século XIX, mas ganhou força a partir da década de 1920. Desde então, judeus no Brasil se organizaram em diversas instituições sociais, religiosas, políticas, beneficentes – as quais caracterizam uma noção de “comunidade” que fazia com que seus membros, apesar de inúmeras divergências, se imaginassem parte de um mesmo coletivo com vínculos de origem comum e pertencimento a uma tradição cultural vista por eles mesmos como

## JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

distinta daquela da maioria do restante da população brasileira, cristã<sup>VI</sup>. Porém, a comunidade judaica sempre se pautou pela pluralidade de expressões políticas: esquerda, direita, laicos, religiosos (das mais diversas correntes), sionistas (de diversas vertentes), não-sionistas, etc. - tal como se verifica em outros países, sobretudo nos EUA, onde as divisões internas entre judeus foram e são muito evidentes.<sup>VII</sup> No Brasil, em grande medida por tratar-se de uma população muito menor (em torno de 100 mil pessoas), criou-se uma imagem (interna e externamente) de um grupo fechado e homogêneo, o que, no entanto, não corresponde com a realidade. Os diferentes grupos políticos dentro da comunidade judaica brasileira dispunham de instituições, jornais, escolas e espaços de sociabilidade que expressavam pluralidade e por vezes rivalizavam entre si, inclusive com disputas tensas, sobretudo no período aproximadamente de 1930 a 1970<sup>VIII</sup>.

Assim, salvo em casos de antissemitismo evidente, dificilmente é possível falar de um alinhamento ou rechaço dos judeus brasileiros a candidatos, partidos ou correntes políticas. As pesquisas eleitorais realizadas para o pleito de 2018 dificilmente permitiam verificar o apoio aos candidatos entre judeus, pois a amostra seria pequena demais. Houve uma que apresentou esse recorte: a pesquisa Datafolha de 25/10/2018, três dias antes do segundo turno, cujos dados requerem cuidado devido à margem de erro<sup>IX</sup>. Ainda assim, na ausência de pesquisas mais precisas, essas informações servem ao menos de base. Segundo ela, a intenção de voto de judeus em Bolsonaro era ligeiramente superior ao da população em geral, mas inferior ao da faixa de renda acima de 5 salários mínimos e próxima aos de eleitores da região Sudeste e de eleitores com escolarização de nível superior (grupos dos quais grande parte dos judeus brasileiros faz parte). Em outras palavras, a comunidade judaica estava tão dividida nas eleições como a sociedade brasileira de modo geral. O próprio episódio da ida de Bolsonaro à *Hebraica* não deixa de ilustrar isso. Enquanto no auditório do clube a plateia de deleitava com o deboche preconceituoso do então deputado, outro grupo de judeus protestava do lado de fora.<sup>X</sup> Isso reforça a importância de não superdimensionar o fator “judaico” do voto desses indivíduos, cujas escolhas também são influenciadas por outros elementos, como classe social, gênero e região geográfica – nesse sentido, diferencia-se da realidade dos EUA, por exemplo, onde judeus faz várias décadas votam no partido democrata em maior proporção do que não-judeus de perfil socioeconômico similar<sup>XI</sup>. Ainda assim, Gherman e Klein, apontam que, apesar disso, há “referências internas” que mobilizam politicamente judeus a favor ou contra determinada postura política<sup>XII</sup>, as quais serão mais discutidas no decorrer do artigo.

A ideia de que os judeus estariam, em bloco, ao lado de Bolsonaro (assim como a ideia de que “naturalmente” não estariam) se fundamenta em estereótipos comuns para grupos minoritários ou marginalizados, tal como ocorre nos grupos párias descritos por Eleni Varikas, a qual aponta que sob uma visão externa ocorre uma anulação do indivíduo perante as características atribuídas ao grupo. Todo indivíduo seria visto como um representante do coletivo, nem que seja como a exceção que confirma a

## JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

regra<sup>XIII</sup>. Michel Gherman e Misha Klein apontam como se constituiu essa “regra” em torno do que chamam de judeu (e conseqüentemente um judaísmo) “imaginário” – para eles, uma construção, sobretudo, de setores extremistas cristãos, mas que poderia ser estendida a grupos mais amplos:

não nos referimos a qualquer judaísmo, mas a um judaísmo imaginário e uno. Um judaísmo que rime com o cristianismo conservador, que contenha fortes referências messiânicas e que tenha suas definições livres de propostas de esquerda ou liberais. Nesse contexto, o “judaísmo imaginário” da nova direita não reconhece judaísmos que não sejam estabelecidos por essas exigências. Judeus de esquerda não são reconhecidos como judeus. Judeus seculares são menos judeus do que os judeus religiosos; judeus críticos às políticas dos governos de Israel são vistos como símbolos da traição e do abandono da tradição.<sup>XIV</sup>

Assim, independentemente da parcela da comunidade judaica que apoiou Bolsonaro, esta passou a ser vista como “bolsonarista” e os judeus que se opõem a isso como sua exceção, ou sequer tem sua judaicidade reconhecida. É nesse contexto que o sociólogo Daniel Douek se pergunta: por que o então ministro da educação Abraham Weintraub (que, embora tenha ascendência judaica, não se define como judeu) é frequentemente retratado como judeu, enquanto o jornalista Glenn Greenwald raras vezes tem sua origem judaica (afirmada pelo próprio) mencionada<sup>XV</sup>? Weintraub, mesmo não sendo judeu, se encaixa no perfil do “judeu imaginário”, e por isso é reconhecido como judeu, enquanto para muitos é inconcebível Greenwald ser judeu, uma vez que se porta de forma antagônica ao judeu imaginário.

Outro esclarecimento importante diz respeito a uma quebra de expectativa quando se percebe que judeus, as principais vítimas do nazismo, regime visto como símbolo máximo da extrema-direita apoiam um político como Bolsonaro. A ideia de que, após a Shoah<sup>XVI</sup>, estejamos mais atentos ao ressurgimento de elementos com similaridades com os fascismos e utilizemos o conhecimento desse passado para situações diferentes da original, naquilo que Todorov chamou de *memórias exemplares*<sup>XVII</sup>, é legítima e válida, mas aplica-se não só às vítimas. Esperar que as vítimas, em especial, tenham *aprendido algo* do seu sofrimento se aproxima perigosamente da ideia de que a perseguição lhes foi infringida como uma *lição*. É importante lembrar, como afirma a sobrevivente da Shoah Ruth Klüger, que “Auschwitz não fora um estabelecimento de ensino, lá não se ensinava nada, muito menos humanidade e tolerância.”<sup>XVIII</sup> Das vítimas não podemos esperar que sejam melhores, nem aceitar que sejam piores, do que outras pessoas; uma das características mais terríveis da Shoah, afinal, foi justamente o fato de as vítimas não terem que ser dotadas de nenhuma excepcionalidade para serem vitimadas. Há necessidade de que, uma vez que o genocídio ocorreu, pensemos suas raízes e reformulemos nossas relações a partir disso; no entanto, exigir das vítimas (ou de seus descendentes) um senso moral especial

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

é uma forma indireta de vitimá-las novamente.

Mais um esclarecimento importante diz respeito à relação de Bolsonaro e outras personalidades da extrema-direita brasileira com o Estado de Israel e a utilização de seus símbolos. Embora seja utilizada pela parcela da comunidade alinhada ao governo Bolsonaro como justificativa para apoiá-lo, essa aproximação com Israel se deve a motivos além de agradar um grupo que representa menos de 0,1% do eleitorado<sup>xix</sup> - e cuja relação com o Estado de Israel se insere na já mencionada diversidade, podendo dar-se diferentes formas: política, religiosa, cultural (ou suas combinações) e expressar-se desde o apoio incondicional, passando por vínculos afetivos, mas politicamente críticos, ou até mesmo a rejeição, no caso de alguns grupos minoritários. O que ocorre é que para essa nova extrema-direita, a nível mundial, há uma “guerra de civilização” entre uma suposta “civilização judaico-cristã” e um inimigo geralmente representando pelo Islã (papel no qual outros personagens podem ser encaixados de acordo com o contexto)<sup>xx</sup>. Nessa disputa, Israel é frequentemente considerada o bastião dessa civilização, uma barreira contra o avanço inimigo. Soma-se a isso o alinhamento de Bolsonaro especificamente com o governo de Netanyahu em Israel (ambos se aproximaram também de outros líderes de extrema-direita, como Donald Trump (EUA) e Viktor Orban (Hungria)). Particularmente no caso de Bolsonaro, a aproximação com Israel (esta também uma Israel imaginária, pouco relacionada às complexidades da sociedade israelense<sup>xxi</sup>) se coaduna com movimento análogo de setores ligados às igrejas pentecostais e neopentecostais (estas congregando uma parcela bem mais significativa da população brasileira), os quais desde os anos 1980 vêm adotando uma espécie de culto a Israel, com fenômenos como maior ênfase a referências veterotestamentárias (ou seja, compartilhadas com o judaísmo)<sup>xxii</sup>, viagens aos locais sagrados de Israel e a existência de um comércio de produtos importados de Israel destinados a esse público cristão<sup>xxiii</sup>. Marta Francisca Topel aponta para esses fenômenos como ligados a doutrina conhecida como dispensacionalismo, a qual prega que o retorno do Messias é um evento físico que ocorrerá na Terra Santa e que o cumprimento da promessa divina feita aos israelitas de seu retorno a Jerusalém é um passo para isso. Muito embora o dispensacionalismo siga acreditando que no final dos tempos haverá uma conversão maciça dos judeus ao cristianismo, o papel que os judeus desempenham nesses planos aproxima muitas das igrejas adeptas dessa doutrina dos “judeus imaginários”, e veem o Estado de Israel com um protagonismo necessário na redenção milenarista<sup>xxiv</sup>. Há, conseqüentemente, outros interesses, sem relação direta com os judeus reais, na aproximação de Bolsonaro com a comunidade judaica e Israel.

Realizados esses esclarecimentos é possível adentrar no objeto desse texto propriamente dito: a reação de setores democráticos da comunidade judaica a essa aproximação e à propagação da ideia de que os judeus seriam uma base de apoio a Bolsonaro.

## JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

### As reações

Enquanto parte da comunidade judaica via com bons olhos a ascensão de Bolsonaro – por diversos motivos, complexos tais como a oposição, mas que não cabem no escopo desse artigo -, diversas foram as manifestações de setores da comunidade judaica contra suas declarações e ideias. Uma delas já foi mencionada: o ato na entrada do clube *Hebraica*. Entre outros, podemos citar a participação nas manifestações contra Bolsonaro durante a campanha eleitoral com cartazes e faixas que ressaltavam a judaicidade do grupo, um evento com o candidato contra o qual Bolsonaro disputou o 2º turno de 2018, Fernando Haddad (PT), na Associação Scholem Aleichem (tradicional instituição judaica progressista do Rio de Janeiro) ou a criação de novos coletivos e agrupamentos como o “Judeus pela Democracia” e o “Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil Henry Sobel”<sup>XXV</sup>. Seus integrantes são heterogêneos, não sendo necessariamente de esquerda e podendo ter posicionamentos diversos com relação a temas como religião ou sionismo; o ponto em comum é a rejeição à figura de Jair Bolsonaro e aquilo que ele representa.

Outra forma de manifestação foram abaixo-assinados coletados por plataformas virtuais e divulgados nas mídias. Os abaixo-assinados foram a principal forma por meio da qual os judeus contrários a Bolsonaro, como grupo, se apresentavam diante da sociedade mais ampla. E, como será analisado, a imagem externa da comunidade judaica é uma preocupação importante para esses sujeitos. Assim, esse artigo se concentra menos na dinâmica interna desse grupo e mais em como pretendem se colocar diante da sociedade brasileira. Acredito que, embora não esgote as possibilidades de análise do tema, forneçam uma visão dos argumentos empregados para se contrapor, perante a sociedade e o restante do meio judaico, a Bolsonaro e aos estereótipos sobre os judeus brasileiros.

Os três abaixo-assinados em questão foram colocados na plataforma *change.org* pelo perito em veracidade gaúcho radicado em Israel Mauro Nadvorny, mas sua escrita, as discussões que a precederam e sua divulgação se deram nos diversos grupos virtuais e presenciais de discussão, de modo que, embora seja preciso e louvável reconhecer a liderança de Nadvorny, tratam-se de construções coletivas.

O autor desse artigo teve a oportunidade de acompanhar o ambiente, fundamentalmente virtual, em que esses abaixo-assinados foram engendrados, de modo que a observação dos grupos virtuais de judeus contrários à Bolsonaro complementa a análise dos textos dos abaixo-assinados.

### Não aceitamos Bolsonaro na Hebraica- SP

O primeiro desses abaixo-assinados data do final de fevereiro de 2017. O

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

contexto é o fato menos conhecido de que, antes do convite para discursar no Rio de Janeiro, um grupo de apoiadores judeus de Bolsonaro propôs ao clube *A Hebraica-SP* (este, muito maior e mais expressivo na coletividade judaica que seu homônimo carioca, com o qual, apesar do nome, não tem qualquer vínculo institucional) recebê-lo para um evento. A informação foi divulgada extraoficialmente e gerou polêmicas acirradas, incluindo opiniões contrárias a realização do evento de um rabino de uma das principais sinagogas de São Paulo.<sup>xxvi</sup> Nesse contexto repercutiu o abaixo-assinado “Não aceitamos Bolsonaro na Hebraica-SP”<sup>xxvii</sup> que coletou 3763 assinaturas virtuais<sup>xxviii</sup> e contribuiu para que o evento fosse cancelado sem sequer ter sido oficialmente marcado. Em 28 de fevereiro, Mauro Nadvorny encerrou a coleta de assinaturas com a mensagem de título “Vitória” em que anuncia que a palestra fora cancelada e afirmou: “Nós achamos que na realidade foi a manifestação de todos e todas contrários a possibilidade de dar palanque ao Bolsonaro através deste abaixo assinado e pelas redes sociais que fez com que o clube voltasse atrás.”, reforçando uma narrativa de que o evento foi cancelado graças a iniciativas como o abaixo-assinado.

O texto do abaixo-assinado contém, ainda no início, a afirmação de que aqueles que assinam estariam “tomados pela incredulidade” diante do convite. Invoca-se aqui uma expectativa, afinal a incredulidade só se sustenta diante da surpresa. Percebe-se que, para contrastar com o convite a Bolsonaro, levanta-se uma imagem da comunidade judaica oposta aos ideais defendidos pelo ex-militar, o que, tanto quanto a imagem da comunidade reacionária, não condiz com a realidade, mas se coloca como argumento retórico para reforçar a indignação. Mais do que isso, permite perceber a comunidade idealizada pelos redatores do manifesto e cuja imagem pretendem propagar para fora dos muros comunitários: uma coletividade democrática e comprometida com os direitos humanos.

Nos parágrafos seguintes, o texto menciona alguns dos inúmeros problemas na figura de Jair Bolsonaro, como sua homofobia, misoginia, racismo e enaltecimento dos torturadores da ditadura militar. Chama a atenção, contudo, que, junto a esses argumentos, facilmente encontráveis em qualquer manifestação contra Bolsonaro, o abaixo-assinado afirme: “em todas oportunidades em que lhe é permitido falar, explora e ataca as minorias entre as quais, nós judeus, nos encontramos.” Há aqui um intuito de transmitir a ideia de que, assim como para LGBTs, mulheres, negros e outros grupos, as falas de Bolsonaro seriam ofensivas aos judeus também, uma vez que estes também são uma minoria da sociedade brasileira. Isso fica claro ao afirmar que Bolsonaro seria antissemita – “Ele é homofóbico, misógino, racista e antissemita por natureza e convicção.” E prossegue com “Idolatra a extrema direita neonazista.” A menção ao neonazismo não é de modo algum por acaso<sup>xxix</sup>. Sabendo a importância da perseguição nazista na memória judaica, pretende expor aquilo que para os redatores do abaixo-assinado é uma contradição: judeus receberem alguém próximo de nazistas; contradição esta, dupla, em termos de segurança pessoal futura e em termos de respeito a um legado histórico, talvez não em termos de conexão direta e mais no sentido da afirmação de

## JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

Enzo Traverso: “não se trata de estabelecer uma homologia entre Auschwitz e Guantánamo, mas sim de questionar se depois de Auschwitz podemos tolerar Guantánamo ou Abou-Ghraib [ou Bolsonaro]”<sup>xxx</sup>. Em suma, o manifesto procura afirmar como Bolsonaro é uma figura perigosa para diversos grupos, mas entres os quais se encontram também os judeus, e por isso não deveria ser recebido no clube judaico paulistano. Não se trata de uma mensagem propriamente particularista (até porque reitera mais de uma vez a solidariedade com outros grupos desprezados por Bolsonaro), mas dá ênfase em incluir os judeus entre esses grupos que sofrem preconceito por parte do então deputado. Veremos que haverá ligeiras modificações nisso nos abaixo-assinados seguintes.

O último parágrafo é particularmente interessante: “em nome da memória de Vladimir Herzog, Iara Iavelberg, Ana Rosa Kucinski, Gelson Reicher, Chael Charles Schreier, e tantos outros judeus vítimas da ditadura, os abaixo assinados pedem que a Hebraica - SP não permita ato com Jair Bolsonaro na sede do clube.” Os nomes são de pessoas judias assassinadas pela ditadura civil-militar (1964-1985) que Bolsonaro constantemente enaltece. Mais uma vez o abaixo-assinado procura expor a contradição da diretoria do clube, que convida um deputado que enaltece um regime político que assassinou opositores, incluindo judeus. O convite a Bolsonaro desonraria, assim, a memória da própria comunidade judaica. Porém, além de expor motivos para não convidá-lo (os quais já haviam sido listados anteriormente no texto) adentra-se a um segundo objetivo desses manifestos: contrapor uma imagem estereotipada da comunidade judaica como reacionária e apoiadora de Bolsonaro, tanto interna como externamente. Ao mencionar judeus mortos pela ditadura o texto pretende demonstrar, através de um exemplo histórico, que os posicionamentos de setores reacionários da comunidade judaica, não só não são, como nunca foram, unânimes. Externamente, além disso, há uma intenção de demonstrar como judeus foram partícipes das lutas do povo brasileiro contra a ditadura, contrapondo-se à imagem de grupo fechado e preocupado somente consigo mesmo.

### Frente ampla das minorias

Apesar do cancelamento da ida de Bolsonaro a *A Hebraica-SP*, ou justamente por isso, a *Hebraica-RJ* prontamente convidou Bolsonaro a falar lá<sup>xxxI</sup>. O convite se insere também em querelas internas anteriores. Nas eleições municipais de 2016, parte expressiva da comunidade judaica carioca, especialmente jovens, não somente votaram como se engajaram na campanha de Marcelo Freixo (PSOL) à prefeito. Isso provocou fissuras relevantes dentro da coletividade judaica, com parte dela acusando o PSOL de ser antissemita devido a posicionamentos do partido em relação ao Estado de Israel<sup>xxxII</sup>. O convite feito pela diretoria da *Hebraica-RJ* (outra diferença em relação ao caso paulista, no qual a ideia veio de um grupo de sócios, que pediu para a diretoria abrir

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

espaço ao deputado), portanto, não parte somente do interesse ou apoio às ideias de Jair Bolsonaro, mas foi uma tomada de posição, um ato de desafio em relação aos setores progressistas da comunidade judaica nacional e local, que haviam logrado sucesso no cancelamento da palestra em São Paulo.

Prontamente, o mesmo grupo de judeus contrários à ida do então deputado ao clube judaico, liderados por Mauro Nadvorny, redigiu outro abaixo-assinado. Já na notícia veiculada na *Folha de São Paulo* em 2 de março, anuncia-se uma sutil mudança no tom se lembrarmos do abaixo-assinado anterior:

Um grupo que se intitula Judeus Progressistas afirmou que lançará novo manifesto contra o acolhimento de Bolsonaro em instituições que representem minorias, não apenas judeus, como também gays e negros. ‘É quase uma frente ampla de minorias’, afirmou Nadvorny, um dos membros.  
xxxiii

E de fato este viria a ser o título do novo abaixo-assinado<sup>xxxiv</sup>, que em seu texto não citava a *Hebraica-RJ* explicitamente – embora a descrição que aparece no site seja “Mauro Nadvorny criou este abaixo-assinado para pressionar Hebraica RJ (Diretoria)”. A ideia do abaixo-assinado seria demonstrar a indignação não simplesmente pelo convite feito por uma instituição judaica, mas por uma instituição de um grupo entendido como *minoría*, no caso, judeus. Enquanto o primeiro abaixo-assinado, embora também enfatizasse a ameaça de Bolsonaro às minorias em geral, reforçava uma incredulidade especificamente judaica com o convite (Bolsonaro seria antissemita, até neonazista e o convite insultaria a memória de judeus mortos na ditadura), nesse segundo abaixo-assinado os redatores se colocam menos ofendidos particularmente como judeus e mais como membros das *minorias*.

Há, nessa escolha de palavras e enfoque, a intenção de procurar alianças com outros grupos minoritários ou sub-representados, o que, se não fica claro neste momento, ao menos em parte se realizou no ano seguinte, quando da campanha eleitoral, por exemplo, em uma carta assinada por instituições judaicas e muçulmanas (que não é analisada nos pormenores nesse artigo, por tratar-se de uma carta multi-institucional e não um abaixo-assinado) de título: “Judeus e Muçulmanos unidos: fascismo não!”. Nessa carta também é enfatizada a indignação, não somente como judeus e muçulmanos, mas como integrantes de minorias:

Nós, muçulmanos e judeus, que conhecemos os horrores da islamofobia e do antissemitismo, temos a sensibilidade aguçada para perceber que, entre todas as barbaridades proferidas por este candidato, a mais emblemática, por atingir vários segmentos, foi a de que as minorias devem se curvar à maioria<sup>xxxv</sup>

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

O abaixo-assinado contra o convite da *Hebraica-RJ* inicia-se como uma preocupação provavelmente decorrente do aprofundamento do apoio a Bolsonaro em diversos setores sociais, ao afirmar que o problema não é só Bolsonaro, mas “ele é o porta voz de uma legião de seguidores tão ou mais preconceituosos do que ele próprio.” O desenvolvimento do texto mantém a tônica de focar no aspecto de *minorias* como fonte da indignação (enquanto o antissemitismo está ausente nesse manifesto, ao menos explicitamente): “Cada um de nós individualmente é membro de uma minoria, mas juntos em uma Frente Ampla nos tornamos maioria.” As acusações de que Bolsonaro seria preconceituoso não são especificadas talvez por já ser de conhecimento geral; houve, entretanto, uma mudança sutil de foco, de uma indignação judaica para uma conclamação coletiva das *minorias*, como se percebe na frase:

Conclamamos todos e todas a fazerem parte desta Frente em busca de uma unidade que respeita as diferenças e busca uma pauta unificada de luta por nossos direitos.

O Brasil é um país que pertence a todos os seus cidadãos e cidadãs. Ninguém pode sofrer nenhuma forma de discriminação por conta de sua religião, gênero, posição política, idade, aparência etc.

Isso também fica patente na imagem escolhida para ilustrar o abaixo-assinado, logo abaixo do título: uma bandeira arco-íris, símbolo do movimento LGBT, dentro da qual estava escrito “Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia” (na primeira carta, a imagem era do rosto de Bolsonaro), ou seja, uma mensagem feita para dialogar com outros grupos que não o judaico. Somente no último parágrafo a comunidade judaica é mencionada.

Neste momento em que instituições judaicas convidam Jair Bolsonaro para palestras, nós abaixo assinados pedimos que repensem seu convite. Não permitam que ele tenha palanque para desonrar a história daqueles que lutam para um Brasil melhor, livre, igualitário e democrático.

Não fica claro quem seriam estes cuja história seria desonrada. Podemos supor, a julgar pelo final do primeiro abaixo-assinado, que seriam pessoas, entre os quais judeus, mortos pela ditadura, mas não é possível afirmar isso com certeza. O que fica claro é que, apesar do sucesso do abaixo-assinado direcionado a *A Hebraica-SP* em fevereiro de 2017, o grupo que liderava esses abaixo-assinados optou por uma mudança de tática, adotando um tom mais ameno e tentando englobar outros grupos minoritários em sua causa.

Em 22 de março (portanto, antes do evento, mas com o convite já consolidado), o abaixo-assinado foi encerrado com 1845 signatários. A mensagem de encerramento de

## **JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

Mauro Nadvorny, entretanto, aponta para uma retomada do tom da primeira carta:

Com mais de 1850 assinaturas estamos encerrando este abaixo assinado que será enviado para a diretoria da Hebraica RJ.

A formação de um grupo, Articulação Judaica, com mais de 600 membros já trabalhando com atividades que visam o esclarecimento comunitário sobre o que representa o fascismo em geral, e Jair Bolsonaro em especial, já representa uma Vitória!

A partir das articulações em torno desse abaixo-assinado e do insucesso em demover a diretoria do clube veio a organizar-se a manifestação na entrada do evento. A análise desse abaixo-assinado, de sua mensagem de encerramento e a comparação com o texto endereçado a *A Hebraica-SP* permite perceber, para além da já atestada existência de uma oposição interna ao bolsonarismo de setores da comunidade judaica, uma multiplicidade de estratégias. O primeiro abaixo-assinado, voltado fundamentalmente para a comunidade judaica, apontava, sem ignorar o que Jair Bolsonaro representa de nefasto para outros grupos, o perigo que o deputado poderia representar para os judeus, não somente em termos de ameaça física, mas de traição à memória. Já o segundo texto se concentra menos nas acusações e desparticulariza a mensagem, procurando conectar a preocupação desse grupo de judeus com a de outras minorias. O sucesso no cancelamento ou não do convite dependeu de diversas outras variáveis, de modo que não podemos afirmar que a primeira estratégia foi mais eficaz do que a segunda – o número de assinantes também depende de outros fatores como a complexa dinâmica da internet. O que se observa é uma articulação entre diferentes argumentos, mas também de diferentes motivações por trás da oposição a instituições judaicas receberem Bolsonaro. O terceiro e último abaixo-assinado data já do período de campanha eleitoral e demonstra como esses argumentos e motivações se rearticularam.

### **Judeus contra Bolsonaro**

Durante a campanha eleitoral de 2018, que viria a eleger Jair Bolsonaro (PSL) presidente da república, um novo abaixo-assinado redigido pelo grupo de judeus liderados por Mauro Nadvorny foi publicado.

Uma primeira questão que surge é o motivo da necessidade de um manifesto “judaico”, uma vez que nessa ocasião não se tratava de uma resposta a ações de setores da própria comunidade como nos dois casos anteriores, mas de um posicionamento coletivo contra o então já líder das pesquisas de intenção de voto Jair Bolsonaro.

Essa iniciativa se insere em uma série de movimentos nas redes sociais e no

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

espaço público, de grupos específicos, mesmo em articulação entre si, posicionando-se a partir de suas especificidades. A primeira e maior dessas iniciativas foi a de mulheres, que criaram um gigantesco grupo no *Facebook*, lideraram as principais manifestações contra Bolsonaro em 2018 e criaram a principal palavra de ordem utilizada pela oposição ao candidato do PSL na campanha: *#elenão*<sup>xxxvi</sup>. Inspirados nessa iniciativa surgiram outros grupos (a partir de instituições religiosas, movimentos negros, etc.), entre os quais os de judeus, os quais também se organizaram primeiro nas redes sociais e depois nos protestos de ruas e instituições.

Para além desses aspectos da conjuntura mais ampla, a divulgação de um terceiro abaixo-assinado se insere também em uma preocupação específica com a crescente ligação - alegada nas mídias e nos movimentos de oposição à Bolsonaro - da comunidade judaica com Bolsonaro (calcada em estereótipos já discutidos, mas que os setores bolsonaristas dentro da comunidade judaica e o próprio Bolsonaro faziam questão de reforçar). Assim, o objetivo principal do abaixo-assinado, de evitar a eleição de Bolsonaro, se coadunava com outros dois (já presentes, mas aprofundados no um ano e meio transcorrido entre a palestra na *Hebraica-RJ* e a campanha eleitoral): disputar internamente os espaços comunitários e, principalmente, desconstruir a imagem de “bolsonarista” que fora colada aos judeus como um todo.

O título do abaixo-assinado dessa vez não é uma demanda, mas uma demarcação de posição: “Judeus contra Bolsonaro”<sup>xxxvii</sup>, análogo, ao “mulheres...”, “negros...”, “muçulmanos...” e outros, contra Bolsonaro. A imagem escolhida para ilustrar o texto foi uma estrela de David dentro da qual se lê *#elenão*, mais uma vez dialogando com esse movimento mais amplo de grupos específicos unificados em torno da pauta de combate à candidatura de Jair Bolsonaro. Esse terceiro abaixo-assinado foi o que obteve maior adesão, 11.697 assinaturas virtuais, e mais repercussão na mídia, até por se dar em meio à campanha eleitoral.

O texto é um pouco mais longo que os dois predecessores e procura conciliar as duas abordagens analisadas anteriormente. Ele se inicia com a seguinte passagem:

Nós, brasileiros abaixo-assinados, judeus e judias identificados com várias candidaturas à Presidência do Brasil, vimos a público para deixar claro nosso repúdio ao candidato Jair Bolsonaro, representante de uma visão intolerante, racista, machista, misógina e homofóbica que ameaça a ainda frágil democracia brasileira.

Chama a atenção que, antes de mais nada, os signatários se colocam como brasileiros. Historicamente judeus foram acusados de *dupla lealdade*, ou seja, de manterem vínculos simultâneos e conflituosos com seus países de nascença, moradia e nacionalidade, por um lado, e com algum tipo de suposto interesse judaico, por outro, acusação esta muito mobilizada pelos nacionalismos entre os séculos XIX e XX (o caso

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

Dreyfus, na França, por exemplo). Bila Sorj defende que, apesar da globalização, a noção dos judeus agindo contra “interesses nacionais” não desapareceu<sup>XXXVIII</sup> - embora em outros países isso se manifeste de forma mais contundente do que no Brasil – e inclusive se acirra após a criação do Estado de Israel em 1948. Sendo maior ou menor a força da acusação da *dupla lealdade* no Brasil ela parece preocupar os redatores do abaixo-assinado, que iniciam frisando não serem um elemento estrangeiro ou de alguma forma alienígena à sociedade brasileira.

O seguimento desse primeiro parágrafo retoma o tom do primeiro abaixo-assinado, direcionado a *A Hebraica-SP*, com duras acusações ao então candidato à presidência, embora seja importante notar que, diferente do primeiro texto, no de 2018 está ausente a acusação de antissemitismo. A hipótese de uma mudança na análise por parte dos redatores sobre o antissemitismo de Bolsonaro parece menos provável do que diferentes ênfases em função das circunstâncias e público. No primeiro caso, o abaixo-assinado era uma carta endereçada fundamentalmente à diretoria de um clube judaico; nesse contexto, frisava como Bolsonaro podia se constituir em uma ameaça (física e ética) aos judeus. Nesse segundo caso, diferentemente, o abaixo-assinado é feito por judeus, mas dirigido à sociedade como um todo; aqui faz sentido demonstrar que não estão contra Bolsonaro somente por autopreservação, mas por preocupação com a sociedade brasileira (por isso também a menção, no texto de 2018, não só dos preconceitos de Bolsonaro, mas de seu caráter antidemocrático).

O parágrafo seguinte retoma outra concepção já presente no primeiro abaixo-assinado, criticando a apologia à ditadura militar e à tortura por parte de Bolsonaro, mas reforçando que entre as vítimas também se contavam judeus, em uma mensagem interna (expor a contradição em apoiar Bolsonaro) e externa (apontar a existência, historicamente, de judeus de esquerda ou contrários ao autoritarismo).

Nos dois parágrafos seguintes, o abaixo-assinado se dedica a rebater dois argumentos frequentemente empregados por defensores do ex-capitão. O primeiro é o da segurança. O segundo é que se torna especialmente interessante. O texto afirma: “Não nos deixamos seduzir, também, pela simpatia declarada do candidato para com uma Israel estereotipada. Trata-se de mero interesse eleitoreiro.” Semelhante ao abaixo-assinado dirigido para a *A Hebraica-SP*, o texto mescla mensagens voltadas para demonstrar a preocupação desse grupo de judeus com a sociedade mais ampla, com outras direcionadas à disputa interna na comunidade judaica. Essa frase se alinha mais a esta abordagem, como uma resposta a judeus que apoiam Bolsonaro por este ser *amigo de Israel* e, para eles, conseqüentemente, *amigo dos judeus*, dizendo que ambas as amizades, que não necessariamente andam juntas, são de interesse eleitoreiro e que a Israel da qual Bolsonaro se aproxima é uma Israel estereotipada; análoga ao “judaísmo imaginário”, haveria uma “Israel imaginária”<sup>XXXIX</sup>.

A seguir, o abaixo-assinado retoma, mas com mais ênfase, outro tema que já se

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

fizera presente no primeiro abaixo-assinado: a oposição a Bolsonaro decorrente do legado da Shoah (embora esta não seja explicitamente citada, mas fica bastante evidente nas entrelinhas).

Ao justificar a violência como método, hostilizar mulheres, negros, opositores políticos e quem não concorda com “sua” noção de normalidade sexual, Bolsonaro se coloca no mesmo patamar de doutrinas que tanto sofrimento causaram ao povo judeu e a todo o mundo, se desnudando como o fascista que realmente é.

Para os redatores do abaixo-assinado (e supõe-se, para os signatários), as ideias de Bolsonaro o aproximariam do nazismo, levando-os como judeus - o grupo populacional que não só foi a principal vítima, mas se coloca como os “empreendedores da memória”, nas palavras de Elizabeth Jelin<sup>XL</sup> (os que se vêm como os legítimos construtores da memória da Shoah) - a se oporem completamente a tais ideias. Não por acaso, é nesse momento que a palavra *fascista* para se referir à Bolsonaro emerge pela primeira vez nos manifestos (nesse mesmo abaixo-assinado volta a ser mencionada no final). Essa relação permanece mesmo que, como o texto dá a entender, judeus não estejam entre os principais alvos (neste caso, mulheres, negros, opositores políticos, LGBTs). Elaboram, dessa forma, o que chamo de *memórias metafóricas*, que partem do passado para analisar situações diferentes no presente, não como repetição, mas como metáfora<sup>XLI</sup>. Essas memórias permitem que o passado sirva de moldura a ser preenchida por uma diversidade maior de personagens e conseqüentemente seja focada menos no fortalecimento da própria identidade e mais na abertura para e relação com o *Outro*.

Esse parágrafo, com a menção implícita ao nazismo, conecta o argumento da primeira parte do manifesto, mais próxima ao primeiro abaixo-assinado (como, na posição de judeus, estariam contra Bolsonaro), com a parte final, que se aproxima mais do segundo abaixo-assinado, que colocava os judeus como parte de algo mais amplo, as *minorias*. Dessa forma, é possível prosseguir com: “Como minoria, somos solidários a todos os grupos hostilizados por este candidato e nos unimos a eles no combate à intolerância e ao preconceito.”

Nos últimos parágrafos, o texto volta a conectar-se com a onda de manifestações contra Bolsonaro, conclamando uma defesa da democracia e finalizando com *#elenão*.

O abaixo-assinado de 2018, portanto, congrega as duas ideias centrais que havia nos abaixo-assinados de 2017: uma oposição a Bolsonaro especificamente como judeus e a oposição como parte das *minorias* em solidariedade umas as outras. A memória metafórica da Shoah, a qual só aparece de forma tão clara (apesar de citar somente implicitamente o genocídio) no último manifesto, conecta essas duas linhas argumentativas. O legado (mais do que uma lição, que daria a entender que as vítimas sofreram para “aprender” algo) da Shoah, um passado, embora não exclusivo,

## JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

especificamente judaico, mobiliza os sentimentos de oposição a Bolsonaro e a solidariedade a outros grupos, notadamente às *minorias*.

### Conclusão

Apesar das diferenças analisadas, os três abaixo-assinados possuem muitos elementos em comum. Para além de atestar a existência de uma oposição, entre judeus, a Jair Bolsonaro já antes de sua eleição, apontam para algumas motivações e linhas argumentativas.

Tal como pode ocorrer em outros manifestos, múltiplos propósitos podem se articular. Três grandes objetivos ficam claros nesses manifestos. O primeiro, mais evidente, é opor-se a Bolsonaro e aquilo que representa. As ideias defendidas pelo presidente eleito em 2018 provocam indignação e repulsa em qualquer cidadão comprometido com a democracia, a justiça social e os direitos humanos, independente de sua origem. Além disso, há elementos nos textos que demonstram que não se tratam somente de pessoas, por acaso, judias, se opondo a Bolsonaro, mas uma oposição fundamentada em aspectos de suas judaicidades. Podemos elencar três deles. O primeiro é a identificação dos judeus como uma minoria que conseqüentemente (ao menos para os signatários dos abaixo-assinados), se preocuparia com ataques a minorias em geral (como a famosa declaração de Bolsonaro: “O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias”<sup>XLII</sup>). Este é o principal argumento presente no segundo abaixo-assinado, direcionado à *Hebraica-RJ*. Outros dois elementos se conectam à memória. Um deles, presente tanto no primeiro abaixo-assinado, endereçado à *A Hebraica-SP*, como no terceiro, da época da campanha eleitoral, é de lembrar das vítimas da ditadura civil-militar brasileira, especialmente das vítimas judias; ser contra Bolsonaro seria respeitá-las. Finalmente, o terceiro desses elementos, e talvez o mais impactante, é o da mobilização da memória da Shoah; rememorar a Shoah eticamente implicaria em opor-se ao então candidato do PSL. Ser contra Bolsonaro seria uma decorrência e uma expressão possível da judaicidade desses sujeitos.

Além de combater e tentar evitar que Bolsonaro fosse convidado a instituições judaicas e mais tarde, que fosse eleito presidente, um segundo objetivo verificável nos abaixo-assinados, é disputar espaço dentro das instituições judaicas. No primeiro abaixo-assinado isso fica muito evidente, ao tentar demonstrar como a aproximação com Bolsonaro podia ser danosa a diversos grupos, mas especificamente aos judeus. No terceiro abaixo-assinado, a desconstrução da simpatia de Bolsonaro por Israel também parece ser endereçada fundamentalmente às disputas internas das comunidades judaicas. Disputas estas que, a partir da mobilização do “judaísmo imaginário” pela extrema-direita, transcende a própria coletividade. Dentro da perspectiva dessa nova extrema-direita, haveria uma “comunidade política e ideológica cristã-judaica”<sup>XLIII</sup>, a qual, no

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**

MICHEL EHRLICH

entanto, giraria em torno dos pressupostos dessa corrente política, excluindo, conseqüentemente, os judeus (e os cristãos) não alinhados à essa perspectiva dessa nova comunidade. Demarcar a existência de judeus que se opõem a Bolsonaro é, nesse sentido, procurar recuperar a legitimidade da própria judaicidade.

Finalmente, o terceiro objetivo diz respeito a demonstrar, para a sociedade, a heterogeneidade da comunidade judaica e o comprometimento de ao menos parte dela com a democracia e os direitos humanos, mostrando que não há nenhuma contradição entre o pertencimento judaico e esses valores (mais do que isso, a oposição é calcada na judaicidade, conforme analisado) e nenhuma ligação evidente entre ser judeu e apoiar Bolsonaro. Trata-se portanto, de desconstruir o “judaísmo imaginário” anteriormente analisado ou ao menos de afirmar que este não é o único possível e assim, afirmar não só para a própria comunidade, mas para a sociedade, uma existência pública como judeus antibolsonaristas. É também nesse sentido que se inserem os discursos que conectam judeus a outras minorias (principalmente no segundo abaixo-assinado, mas nos outros dois essa ideia também se faz presente), que lembram a participação judaica na resistência à ditadura civil-militar e que universalizam a memória de perseguições que judeus sofreram no passado.

Logo após a vitória eleitoral de Bolsonaro em outubro de 2018 Mauro Nadvorny encerrou o abaixo-assinado e publicou a seguinte mensagem:

A gente gostaria que a história tivesse sido diferente, mas as urnas falaram e fomos derrotados.

Isto não significa que tenhamos perdido nossos ideais e muito menos esquecido nossa mensagem de um Brasil igual para todos. [...]

A partir de agora estamos unidos na Resistência Democrática pelo Brasil.

Para esses judeus progressistas (ou democratas, ou antifascistas) não somente nas urnas houve derrota. Nas disputas internas na comunidade, embora, como já esclarecido, não dê para afirmar que tenha havido em qualquer momento um apoio em bloco a Bolsonaro, é notório que algumas instituições comunitárias e figuras de destaque o apoiaram publicamente não somente nas eleições<sup>XLIV</sup>; muitas outras condenam as ocorrências relacionadas a judeus, mas mantêm um tom neutro em relação ao governo em si (o que normalmente seria aceitável e esperado de instituições não partidárias, fosse este um caso de disputa política dentro dos limites da democracia) - embora, à medida que discursos extremistas e até próximos ao nazismo se tornam mais frequentes (tendo o pronunciamento do secretário especial de cultura no início de 2020 como exemplo paradigmático) estejam gradualmente demonstrando maior distância em relação ao presidente<sup>XLV</sup>. Finalmente, apesar dos esforços dos abaixo-assinados e das já mencionadas entidades judaicas progressistas surgidas em meio a esse contexto - além das já anteriormente existentes, como Associação Scholem Aleichem (ASA), no Rio de

# JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

Janeiro, e Casa do Povo, em São Paulo -, a própria reportagem do *Correio Braziliense* sobre o distanciamento das entidades judaicas do governo Bolsonaro, dá a entender que suas imagens ainda estavam atreladas a ele.

Todavia, não devemos associar derrota à irrelevância. As derrotas do passado permitem vislumbrar as diversas possibilidades daquilo que o presente poderia ter sido e, por isso, motiva a modificá-lo tendo em vista o futuro.

## Notas

<sup>I</sup> Mestre em História pela UFPR. Coordenador de História do Museu do Holocausto de Curitiba.

<sup>II</sup> BOLSONARO, 2017.

<sup>III</sup> CONIB, 2017.

<sup>IV</sup> Um exemplo dessa extrapolação na mídia se deu em reportagem da revista *Istoé* em 2019 sobre o chefe da secretaria de comunicação do governo Fábio Wajngarten, na qual a revista, em linguagem conspiratória, sugere uma “conexão judaica” e oferece um quadro de título “A manipulação da colônia judaica” (OLIVEIRA, 2019).

Além disso, surgiram recorrentes reportagens discutindo a postura da comunidade judaica diante de Bolsonaro, mesmo esta representando uma parcela ínfima da população brasileira.

<sup>V</sup> O mito da riqueza (e especialmente da riqueza inescrupulosa) dos judeus remete a um imaginário da primeira modernidade, do “judeu usurário”, o qual, segundo Arelene Clemesha (1998), foi incorporado por setores da esquerda séculos mais tarde. René Decol (1999) demonstra, em sua tese, que a maioria dos judeus brasileiros se encontrava, ao menos nos anos 1990, nas camadas médias da pirâmide sócio-econômica.

<sup>VI</sup> LESSER, 1995.

<sup>VII</sup> NOVICK, 2000.

<sup>VIII</sup> FELDMAN, 2001; IOKOI, 2004.

<sup>IX</sup> ALMEIDA e ZANOLORENSSI, 2018.

<sup>X</sup> MANIFESTANTES, 2017.

<sup>XI</sup> Ao menos dois fatores parecem contribuir para isso: a existência passada de uma cultura judaica operária nos EUA (mesmo que a maioria dos judeus tenha ascendido socialmente, permanece na memória social); o antissemitismo expressivo da direita conservadora estadunidense, muito embora tenha declinado rapidamente na segunda metade do século XX. (NOVICK, 2000; SIPTZKOVSKY, 2018)

<sup>XII</sup> GHERMAN e KLEIN, 2019, p. 104.

<sup>XIII</sup> VARIKAS, 2014.

<sup>XIV</sup> GHERMAN e KLEIN, 2019, p. 105.

<sup>XV</sup> DOUEK, 2019.

<sup>XVI</sup> Termo em hebraico para se referir ao Holocausto, genocídio perpetrado pelo regime nazista alemão (1933-1945) e seus colaboradores, que assassinou cerca de 6 milhões de judeus, além de outras populações perseguidas pelos nazistas, como ciganos, negros, homossexuais, opositores políticos e pessoas com deficiências.

<sup>XVII</sup> TODOROV, 2000.

<sup>XVIII</sup> KLÜGER (2005), p. 67-68.

<sup>XIX</sup> IBGE, 2010.

<sup>XX</sup> LÖWY, 2015.

<sup>XXI</sup> GHERMAN e KLEIN, 2019.

<sup>XXII</sup> CUNHA, 2014.

<sup>XXIII</sup> THROUP, 2011.

<sup>XXIV</sup> TOPEL, 2011.

<sup>XXV</sup> DOUEK, 2019.

<sup>XXVI</sup> CONVITE, 2017.

<sup>XXVII</sup> NÃO, 2017

# JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

MICHEL EHRLICH

<sup>XXVIII</sup> Em função das assinaturas serem coletadas em plataforma virtual, não é possível verificar qual a parcela de judeus e de não-judeus entre os signatários. Mas, sua divulgação foi sobretudo pelas redes sociais em grupos especificamente judaicos, de modo que é provável que a maioria das assinaturas sejam de judeus. O mesmo vale para os outros abaixo-assinados.

<sup>XXIX</sup> Embora a acusação de que idolatre neonazistas careça de provas mais robustas, Bolsonaro de fato já defendeu o direito de alunos escolherem Adolf Hitler como personagem histórico mais admirado e não se incomodou em posar para foto com um apoiador “fantasiado” de Hitler, além de casos posteriores às fontes aqui analisadas, como o discurso copiado de Joseph Goebbles, pronunciado pelo então Secretário Especial de Cultura Roberto Alvim. Se a admiração de Bolsonaro por neonazistas não pode ser comprovada a admiração de neonazistas pelo atual presidente já foi declarada. Ver BOLSONARO (2020) e APROXIMAÇÃO (2020).

<sup>XXX</sup> TRAVERSO (2012), p. 111.

<sup>XXXI</sup> BILENKY, 2017. A notícia incorre em erro comum ao descrever um clube como filial do outro, o que pode gerar um superdimensionamento do significado do convite, dado que o clube carioca é muito menor.

<sup>XXXII</sup> Moraes (2014) aponta que imaginários antissemitas estão presentes ou foram incorporados também em setores da esquerda, especialmente o mito que associa os judeus ao controle econômico mundial, por vezes dessa forma explicitado, mas mais frequentemente estando mal disfarçadamente por trás de algumas críticas ao Estado de Israel – o que não significa que as críticas a Israel ou ao sionismo sejam, necessariamente, antissemitas. O autor adverte que a noção de que a esquerda estaria imune ao antissemitismo ou de que seja impossível haver motivações antissemitas por trás do antissionismo é tão fantasiosa quanto a concepção de que a esquerda seja, por definição, antissemita, ou de que o antissionismo seja naturalmente uma forma de antissemitismo. No caso em questão, a acusação de que o PSOL seria, em si, antissemita, é claramente generalizante, mas não exclui a possibilidade de haver expressões antissemitas no partido.

<sup>XXXIII</sup> BILENKY, 2017.

<sup>XXXIV</sup> FRENTE, 2017.

<sup>XXXV</sup> BORGES, 2018.

<sup>XXXVI</sup> DE ARAÚJO, 2019.

<sup>XXXVII</sup> JUDEUS, 2018.

<sup>XXXVIII</sup> SORJ, 2007.

<sup>XXXIX</sup> GHERMAN e KLEIN, 2019.

<sup>XL</sup> JELIN, 2002.

<sup>XLI</sup> EHRLICH, 2020.

<sup>XLII</sup> FRASES, 2018.

<sup>XLIII</sup> GHERMAN e KLEIN, 2019.

<sup>XLIV</sup> RACY, 2019.

<sup>XLV</sup> CALCAGNO, 2020.

## Bibliografia

ALMEIDA, Rodolfo; ZANLORENSSI, Gabriel. O que mudou no apoio a Haddad e Bolsonaro, segundo o Datafolha. *Nexo*, 2018. Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/grafico/2018/10/26/O-que-mudou-no-apoio-a-Haddad-e-Bolsonaro-segundo-o-Datafolha>> Acesso em 28/05/2020.

APROXIMAÇÃO de Bolsonaro e aliados com o nazi-fascismo não é de hoje; lembre. Yahoo, 2020. Disponível em <<https://br.noticias.yahoo.com/aproximacao-de-bolsonaro-e-aliados-com-o-nazifascismo-nao-e-de-hoje-relembre-193704551.html>> Acesso em 28/05/2020.

BILENKY, Thais. Após polêmica, filial carioca de clube judaico faz convite a Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, 2017. Disponível em

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**  
MICHEL EHRLICH

---

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1862953-filial-carioca-de-clube-judaico-convida-bolsonaro-a-fazer-palestra.shtml>> Acesso em 28/05/2020.

BOLSONARO é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica. *Veja*, 2017. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>>. Acesso em 28/05/2020.

BOLSONARO já defendeu estudantes que admiravam Hitler. Confira. Congresso em foco, 2020. Disponível em < <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-ja-defendeu-estudantes-que-admiravam-hitler-confira/>> Acesso em 28/05/2020.

BORGES, Helena. Grupos de muçulmanos e judeus se unem em nota de repúdio a Bolsonaro. *Época*, 2018. Disponível em < <https://epoca.globo.com/grupos-de-muculmanos-judeus-se-unem-em-nota-de-repudio-bolsonaro-23130093>> Acesso em: 28/05/2020.

CALCAGNO, Luiz. Entidades israelitas querem descolar a imagem do governo Bolsonaro. *Correio Braziliense*, 2020. Disponível em <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/22/interna\\_politica\\_822330/entidades-israelitas-querem-descolar-a-imagem-do-governo-bolsonaro.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/22/interna_politica_822330/entidades-israelitas-querem-descolar-a-imagem-do-governo-bolsonaro.shtml)> Acesso em 28/05/2020.

CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e Judaísmo: História de uma relação difícil*. São Paulo: Boitempo, 1998.

CONVITE a Bolsonaro para palestra em clube divide comunidade judaica. *Folha de São Paulo*, 2017. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/02/1862374-convite-a-bolsonaro-para-palestra-em-clube-divide-comunidade-judaica.shtml>> Acesso em 28/05/2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. A interseção mídia religiosa e mercado e a ressignificação de signos bíblicos pelos evangélicos. *Revista RelegensThréskeia*. v.3, n. 1, pp .1-23, 2014.

DE ARAÚJO, Denise Castilhos. MUCB (Mulheres unidas contra Bolsonaro): gênero e ativismo feminino e político em coletivo do Facebook. *Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais*, v. 1, n. 3, 2019.

DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. 264 p. Tese (doutorado em sociologia). Unicamp, Campinas-SP, 1999.

DOUEK, Daniel. Se Glenn é judeu e Weintraub, não, por que tem gente que enxerga o contrário?. Medium, 2019. Disponível em: < <https://medium.com/@danieldouek/se-gleen-%C3%A9-judeu-e-weintraub-n%C3%A3o-por-que-tem-gente-que-enxerga-o-contr%C3%A1rio-6fb234d488af>> Acesso em 28/05/2020.

DOUEK, Daniel. 15 fatos mostram que comunidade judaica não apoiou Bolsonaro. *Medium*, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@danieldouek/15-fatos-mostram-que-comunidade-judaica-n%C3%A3o-apoiou-bolsonaro-1894f7b00e2c>> Acesso em

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**  
MICHEL EHRLICH

---

28/05/2020.

EHRLICH, Michel. *Filhos da Shoah: memórias e significações na comunidade judaica paranaense do pós-guerra*. 245 p. Dissertação (mestrado em História). UFPR. Curitiba-PR, 2020.

FELDMAN, Sergio Alberto. Os Judeus Vermelhos. *Revista Regional de História*, v. 6, p. 137-146, 2001.

FRASES de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. Istoé, 2018. Disponível em <<https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>> Acesso em: 28/05/2020.

FRENTE ampla das minorias. *Change.org*, 2017. Disponível em <[https://www.change.org/p/hebraica-rj-frente-ampla-das-minorias?recruiter=72189979&utm\\_source=share\\_petition&utm\\_medium=facebook&utm\\_campaign=share\\_page&utm\\_term=mob-xs-share\\_petition-no\\_msg&fbclid=IwAR32L6NamxdY0M9e-jBTwVGJIUSuWhYf\\_WjzCgZ4XpVOP4OWReBqAFJLE0](https://www.change.org/p/hebraica-rj-frente-ampla-das-minorias?recruiter=72189979&utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=share_page&utm_term=mob-xs-share_petition-no_msg&fbclid=IwAR32L6NamxdY0M9e-jBTwVGJIUSuWhYf_WjzCgZ4XpVOP4OWReBqAFJLE0)> Acesso em: 28/05/2020.

GHERMAN, Michel; KLEIN, Misha. Entre —conversos e —desconversos: O caso da influência da Nova Direita Brasileira sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro. *Estudios Sociales del Estado*. v.5, n. 9, pp. 101- 123, 2019.

IBGE. *Censo Demográfico 2010 : Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 2010.

IOKOI, Zilda. *Intolerância e Resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil: 1930-1975*. São Paulo: Humanitas, 2004.

JELIN, Elizabeth. *Los Trabajos de la Memoria*. Madrid: Siglo Veiteuno, 2002.

JUDEUS contra Bolsonaro. *Change.org*, 2018. Disponível em <[https://www.change.org/p/tribunal-superior-eleitoral-judeus-contra-bolsonaro?recruiter=44608186&utm\\_source=share\\_petition&utm\\_campaign=petition\\_s\\_how&utm\\_medium=whatsapp](https://www.change.org/p/tribunal-superior-eleitoral-judeus-contra-bolsonaro?recruiter=44608186&utm_source=share_petition&utm_campaign=petition_s_how&utm_medium=whatsapp)> Acesso em: 28/05/2020.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

LESSER, Jeffrey. O Brasil e a Questão Judaica. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serv. Soc.*, n. 124, pp. 652-664, 2015.

MANIFESTANTES fazem protesto na Hebraica contra palestra de Jair Bolsonaro. *O Globo*, 2017. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/brasil/manifestantes-fazem-protesto-na-hebraica-contra-palestra-de-jair-bolsonaro-21154667>> Acesso em 28/05/2020.

**JUDEUS CONTRA BOLSONARO: ANÁLISE DE TRÊS ABAIXO-ASSINADOS PELA  
DEMOCRACIA E PELA AFIRMAÇÃO DE UMA JUDAICIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA**  
MICHEL EHRLICH

---

MORAES, Luis Edmundo de Souza. Pode haver racismo na esquerda? Um estudo de caso. *História (São Paulo)*, v. 33, n. 2, pp. 214-249, 2014.

NÃO aceitamos Bolsonaro na Hebraica-SP. Chage.org, 2017. Disponível em <[https://www.change.org/p/clube-hebraica-s%C3%A3o-paulo-n%C3%A3o-aceitamos-bolsonaro-na-hebraica-sp?recruiter=20762909&utm\\_source=share\\_petition&utm\\_medium=facebook&utm\\_campaign=share\\_for\\_starters\\_page&utm\\_term=des-lg-google-no\\_msg&fbclid=IwAR32L6NamxdY0M9e-jBTwVGJIUSuWhYf\\_WjfzCgZ4XpVOP4OWReBqAFJLE0](https://www.change.org/p/clube-hebraica-s%C3%A3o-paulo-n%C3%A3o-aceitamos-bolsonaro-na-hebraica-sp?recruiter=20762909&utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=share_for_starters_page&utm_term=des-lg-google-no_msg&fbclid=IwAR32L6NamxdY0M9e-jBTwVGJIUSuWhYf_WjfzCgZ4XpVOP4OWReBqAFJLE0)> Acesso em 28/05/2020.

NOTA sobre a palestra de Jair Bolsonaro na Hebraica-Rio. *Conib*, 2017. Disponível em <https://www.conib.org.br/nota-sobre-a-palestra-de-jair-bolsonaro-na-hebraica-rio> Acesso em 28/05/2020.

NOVICK, Peter. *The Holocaust in American life*. Boston/New York: Mariner Books, 2000.

OLIVEIRA, Germano. O Goebbels do Planalto. *Istoé*, 2017. Disponível em <<https://istoe.com.br/o-goebbels-do-planalto/>> Acesso em 28/05/2020.

RACY, Sonia. “Agora um presidente olha por nós”, diz presidente da Federação Israelita. Estadão, 2019. Disponível em < <https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/agora-um-presidente-olha-por-nos-diz-presidente-da-comunidade-judaica/>> Acesso em 28/05/2020.

SORJ, Bila. Anti-semitismo na Europa hoje. *Novos estudos CEBRAP*, n. 79, pp. 97-115, 2007.

SPITZKOVSKY, Jaime. “Nos EUA, judeus devem manter adesão histórica aos democratas” Folha de São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jaimespitzkovsky/2018/11/nos-eua-judeus-devem-manter-adesao-historica-aos-democratas.shtml>>. Acesso em 30/12/2020.

THROUP, Marcus. O templo de Salomão em São Paulo? Sobre a ressignificação de símbolos veterotestamentários no movimento neopentecostal. *Revista Caminhando*. v.16, n.1, pp.115-123, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *Los Abusos de la Memoria*. Barcelona: Paidós Iberica, 2000.

TOPEL, Marta Francisca. A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 10. pp. 35-50, 2011.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: História, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figurações do pária*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.